

AS TRADICIONAIS CASAS ALGARVIAS NA LITERATURA: CONTRIBUTO PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO ARQUITETÓNICO NA REGIÃO

Sílvia Quinteiro¹

Rita Baleiro²

Resumo

Neste artigo propomos a associação entre literatura e turismo como uma forma de promover o turismo arquitetónico na região do Algarve, de contribuir para a preservação deste património material e de aumentar a oferta turística nas localidades mais interiores do Algarve. Assim, focamo-nos nas casas tradicionais algarvias e observamos como a sua apresentação enquanto produto complementar da experiência turística implica apenas a sua renomeação como lugar literário e lugar turístico, não envolvendo qualquer transformação ou manipulação negativa deste património. Consequentemente, neste trabalho apresentamos uma seleção de representações literárias das casas tradicionais algarvias em textos de autores portugueses e mostramos como esses retratos têm o potencial de enriquecer e promover as experiências turísticas na região. As casas tradicionais algarvias são lugares que vale a pena visitar pela sua autenticidade, pelo que se escreveu sobre elas, por tudo o que a sua arquitetura revela sobre as pessoas e o espaço algarvio e, também, pela sua beleza enquanto objecto estético. O olhar sobre as casas tradicionais algarvias mediado pelos textos literários tem o duplo potencial de promover as obras e os autores portugueses e, ainda, de motivar a recuperação e a preservação deste património arquitetónico.

Palavras-chave: casas tradicionais; Algarve; turismo arquitetónico; literatura de turismo.

¹ Professora Coordenadora, ESGHT, Universidade do Algarve, smoreno@ualg.pt.

² Professora Adjunta, ESGHT, Universidade do Algarve, rbaleiro@ualg.pt.

THE TRADITIONAL ALGARVIAN HOUSES IN LITERATURE: CONTRIBUTION TO THE DEVELOPMENT OF ARCHITECTURAL TOURISM IN THE ALGARVE

Abstract

This paper aims to suggest the association of literature and tourism as a way to promote architectural tourism in the Algarve region, to contribute to the preservation of this material heritage and to increase tourism activity in the innermost regions of the Algarve. Thus, we focus on the Algarve traditional houses and observe how their presentation as an additional product of the tourism experience only implies renaming these houses as literary places and tourist places, and it does not involve any negative impact on this heritage. Consequently, in this paper we present a selection of literary representations of the Algarve traditional houses in Portuguese texts and show how these pictures have the potential to enrich and promote tourism experiences in the region. These traditional houses are places worth visiting for its authenticity, for all that was written about them, for all that their architecture reveals about the people and the Algarve, and for their beauty as an aesthetic object. The look on the traditional Algarvian houses mediated by literary texts has the dual potential to promote the works of Portuguese authors and to motivate the recovery and preservation of this architectural heritage.

Keywords: traditional houses, Algarve, architectural tourism, tourist literature.

INTRODUÇÃO

Em 2014, e num cenário de intensa crise económica, Portugal ficou a dever o equilíbrio da sua balança comercial ao crescimento do turismo (Silva e Villalobos, 2015). Nesse mesmo ano, também se concluiu que a maioria das pesquisas sobre Portugal, na internet, teve como base a atividade turística, sendo que «num total de 4,8 milhões de pesquisas feitas sobre Portugal na internet, o turismo foi gerador de mais de 3,9 milhões, cerca de 82%, enquanto a informação sobre negócios se ficou pelas 75,8 mil. Ou seja, 52 vezes mais» (Antunes, 2014). Por outras palavras, podemos afirmar que o turismo – a indústria que agrupa o conjunto das atividades de produção e de consumo motivadas pelas deslocações de pessoas a lugares diversos dos seus locais habituais de residência – tem tido, nos últimos anos, um desenvolvimento singularmente positivo em Portugal. Este crescimento do turismo tem contribuído para confirmar, mas também sublinhar, o importante contributo desta atividade quer para a economia quer para o aumento da qualidade de vida das populações. No entanto, é essencial recordar que não obstante o

impacto benéfico destes dados positivos, há ainda muito por fazer no que ao turismo diz respeito. Por exemplo, numa fase em que o desemprego continua a aumentar (em março de 2015, Portugal registou a quarta taxa de desemprego mais elevada da União Europeia, com mais de 770 mil desempregados, i.e. 14,1% da população) (INE, 2015), o turismo deve ser entendido como uma oportunidade de gerar emprego, de diminuir o número de portugueses que se veem obrigados a emigrar, ao mesmo tempo que pode desempenhar a importante função de contribuir para a preservação do património material e imaterial português, como tentaremos mostrar neste artigo, no qual partimos do princípio de que a associação entre turismo e património (literário e arquitetónico) traz benefícios para todos e, em concreto, para a populações das localidades mais interiores e desfavorecidas do país, onde o desemprego tem frequentemente maior expressão.

Posto isto, neste trabalho começamos por focar a relação entre literatura e turismo e o modo como conduz ao turismo literário; prosseguimos com algumas considerações sobre a relação entre turismo, arquitetura e literatura e, seguidamente, apresentamos algumas noções relativas à teoria e simbologia da casa. No ponto seguinte, expomos e analisamos um seleção de textos literários (poéticos e narrativos) nos quais as casas algarvias são representadas. Por fim, tecemos as considerações finais deste trabalho.

1.1. Turismo e Literatura: Literatura de Turismo e Turismo Literário

A investigação em turismo e literatura tem por base a análise e interpretação de um conjunto de textos literários que partilham um traço em comum: todos têm um tema ou apresentam um cenário que tem a capacidade de conferir valor turístico a um determinado lugar e, conseqüentemente, de motivar a criação de uma prática turística. Para designarmos este conjunto de textos recorreremos à expressão avançada pelo académico holandês Harald Hendrix: «literatura de turismo» (2014), sublinhando o facto de esta designação corresponder apenas a uma categoria literária «virtual», pois não designa, de modo algum, um género literário. Ou seja, este conjunto de textos não corresponde a uma mesma categoria de composição literária, e nem todos os textos têm a mesma constelação de características. Têm, porém, em comum, um ou mais dos seguintes traços: (i) referem ou sugerem lugares que estimulam uma visita a esses mesmos lugares; (ii) promovem a criação de um itinerário turístico, mesmo que este não chegue a ser concretizado por turistas e (iii) motivam uma viagem, mesmo que seja uma viagem virtual (segundo um dos muitos itinerários literários sugeridos em sites³ dedicados ao turismo literário ou criando o seu próprio itinerário e navegando na internet, por exemplo). Estes textos podem, também, estar na base das práticas de turismo literário: uma forma de turismo cultural que designa qualquer prática turística desenvolvida em lugares relacionados com a ação ou o cenário de textos literários ou, mesmo, com as vidas dos seus autores.

Assim sendo, referimo-nos a «literatura de turismo» quando um texto literário tem a capacidade de conectar o mundo da imaginação (onde o leitor estabelece as conexões entre texto e lugar/ autor e lugar/personagem e lugar) e o mundo físico (os lugares geográficos para os quais os textos remetem), por via de uma deslocação, de facto ou

³ Alguns exemplos deste tipo de sites são: <http://www.literarytraveler.com/>, <http://www.greatbritishescapes.com>, <http://www.donquijote.org/cultura/espana/lugares/rutas/ruta-de-don-quixote> ou www.terresdecrivains.com/, entre muitos outros.

virtual, do turista a um lugar literário. E o que é então um lugar literário? Damos resposta a esta pergunta no próximo ponto do nosso artigo.

1.1.1. O lugar literário e o conceito de espaço

Se recordarmos que um lugar é uma fração do espaço que é nomeada e isolada desse espaço maior, concordamos que um lugar será apenas espaço, se não for nomeado e isolado. Nesta perspetiva, a escrita surge não só como um sistema que permite a construção de lugares e de espaços, mas também como uma tecnologia que permite a transmissão da experiência desses mesmos lugares e espaços (Bañón, 2004: 31-32). Na base do conceito de lugar literário estão estes mesmos preceitos, com a especificidade deste lugar ter sido nomeado num dos textos de «literatura de turismo». Por outras palavras, o lugar literário é aquele que ganha forma e sentido quando há um «arrastar» (para utilizarmos o verbo aplicado por Chris Rojek, 1997: 52-74) do literário para a paisagem física.

De facto, o «espaço» é uma categoria da narrativa que assume inevitavelmente um papel de maior relevância nos estudos em literatura e turismo. Nomeadamente, o espaço físico ou geográfico, já que este é um elemento fundamental tanto para a literatura, que nele situa personagens e ações, como para o turismo, uma vez que se trata de uma atividade a que é inerente a própria noção de deslocação e uma atividade cujos protagonistas, os turistas, se movem no espaço geográfico. Assim, na interseção entre literatura e turismo, o espaço acaba por ser o elemento «palpável» ao qual o leitor/turista procura aceder na busca de um encontro com as personagens, a obra, ou, até mesmo, com o autor. Nesta busca, o leitor/turista define um itinerário, marcado por lugares a visitar em função do que lhe é sugerido pelo texto literário ou pela biografia do autor, ele circunscreve frações de um espaço mais amplo e, ao fazê-lo, cria lugares literários.

Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, no *Dicionário de Narratologia*, referem o facto de haver «amplas possibilidades de representação e descrição espacial» e de ser «em função destas opções que certos romancistas são associados aos cenários urbanos que preferiram: se Eça é o romancista de Lisboa, Camilo é-o do Porto, Machado de Assis do Rio e Dickens de Londres.» (1987: 129). Em termos turísticos, estas associações traduzem-se na criação de museus, itinerários ou, até mesmo, de parques temáticos literários. A título de exemplo, podemos referir os chamados Passeios Literários⁴ que, na cidade de Lisboa, apresentam propostas com base nas biografias e obras de autores como Eça de Queirós, José Saramago, Padre António Vieira e Fernando Pessoa. Outros exemplos são o museu Dickens World, em Londres, o parque temático Mundo de Astrid Lindgren (Astrid Lindgrens Värld), em Vimmerby, Suécia, onde é recriado o imaginário dos livros da autora, nomeadamente da popular personagem infantil Pipi das Meias Altas, e o extravagante Quarteirão Jorge Amado, em Ilhéus, que foi desenhado sobre o cenário no qual se desenrola a ação do romance *Gabriela Cravo e Canela*.

Os exemplos de associações entre um autor e um espaço que foram referidos têm em comum o facto de se estar a ligar um autor e a sua obra a uma cidade. Porém, a relação autor/obra e espaço pode ser feita a partir de outras perspetivas, nomeadamente (i) da sua

⁴ Como os sugeridos pela empresa Passeios Literários, de Lisboa [pode-se aceder ao site aqui: <http://passeiosliterarios.com/os-nossos-passeios/>].

relação com uma região (por exemplo, o Algarve de Manuel Teixeira Gomes, o Algarve de João Lúcio, a La Mancha de Cervantes, ou a Stratford-upon-Avon de William Shakespeare) ou (ii) a partir da representação literária de um elemento que, por se repetir numa área mais abrangente, é assumido como característica de uma região maior (por exemplo, os moinhos de vento dos Países Baixos e Norte da Alemanha ou as praias do Mediterrâneo). Todas estas perspetivas viabilizam a transformação de um elemento literário num produto turístico.

Neste artigo, centramo-nos num elemento da arquitetura vernácula⁵ da região do Algarve, a casa tradicional e em textos literários que, por a referirem, permitem transformar a sua visualização e/ou visita numa experiência de turismo literário. Experiência esta que é extensível a toda a região, podendo canalizar assim parte do afluxo turístico que se acumula no litoral em busca de sol e praia para novos percursos que se estendem ao interior, a zonas de menor concentração turística e a um Algarve ainda menos conhecido, mas mais genuíno.

1.2. Turismo e Arquitetura: Turismo Arquitetónico

A arquitetura exerce, desde sempre, uma importante força de atração de turistas. Na verdade, a arquitetura é essencial para a indústria do turismo, não apenas porque o alojamento é um dos pontos-chave desta atividade económica, mas porque a arquitetura enquanto espelho de identidades culturais, e até enquanto manifestação artística, é um elemento muito atraente para a maioria dos turistas. Vejamos o conhecido exemplo da cidade de Bilbao, uma cidade portuária e industrial, que ao apostar na construção de edifícios de design urbano e *avant-garde*, concretamente o Guggenheim Museum of Modern Arts, desenhado por Frank O’Gehry, transformou o caráter turístico de Bilbao, que passou a ser um reconhecido destino turístico internacional. Podemos, igualmente, evocar o caso bem mais extremo do Dubai, onde a arquitetura assume um papel central no desenho de um destino de fantasia e exotismo sobre as areias do deserto.

Todavia, não é só a chamada «grande arquitetura» que tem um potencial turístico. No caso do turismo arquitetónico com base nas casas tradicionais (é aquele que nos é sugerido pelos textos escolhidos para este artigo), não haverá a atração da assinatura dos grandes arquitetos, nem a espetacularidade das grandes obras, mas há seguramente o associar de dois elementos fundamentais da atividade turística: a curiosidade (o desejo de ver) e a identidade. Ou, colocando de outra forma, a curiosidade em relação à identidade, uma vez que as casas típicas de uma região são o melhor testemunho da identidade cultural de um povo, um testemunho que, como nota Nin Wang (1997: 573) torna o objeto da curiosidade (a identidade e forma de vida do anfitrião) visível e, acrescentamos, consequentemente, também visitável. De resto, há experiências de turismo centrado na casa vernácula que demonstram não só a possibilidade de se criarem itinerários com base neste elemento, mas também o sucesso desta forma de turismo na atração de turistas a

⁵ Neste trabalho, entendemos a arquitetura vernacular, tal como a definem Garcez et al (2014:23), ou seja, como todo o tipo de arquitetura que utiliza materiais e recursos do contexto no qual a construção se situa: “vernacular architecture is all the type of architecture in which are employed materials and resources of the environment in which the construction was built. In this manner, it presents local or regional character. They are also constructions where the knowledge is transmitted of generation for generation.”

zonas interiores, tradicionalmente menos visitadas e economicamente débeis. Vejamos o exemplo de uma província do Sudoeste da China onde, apesar da dificuldade de acesso, muitos turistas se deslocam, contribuindo, assim, para melhorar a qualidade de vida das populações locais:

In a number of hinterland provinces in Southwestern China [...], vernacular houses settlement patterns or ethnic villages, were an important tourist resource which these places made use of and developed into tourist attractions. The difficulty gaining access to these provinces did not deter overseas tourists from visiting and viewing these vernacular material cultures. Selling these colourful vernacular cultures, including distinctive folk house styles, to satisfy overseas or domestic visitors' curiosity "visual consumption", offers local people an important opportunity to overcome long term poverty. (Wang, 1997 :574)

No estudo suprarreferido, Wang salienta o facto de, na China, esta forma de turismo desenvolvido em torno da casa vernácula ter assumido proporções que justificaram a sua divisão em duas formas distintas: (i) a criação de itinerários que conduzem os turistas a casas reais, o que lhes permite observar os habitantes e as atividades por eles desenvolvidas nas suas casas e (ii) a construção de parques temáticos com réplicas das casas tradicionais nos arredores das grandes cidades (1997: 574). Não sendo nosso objetivo comparar estas duas formas de exploração turística das casas tradicionais ou emitir qualquer juízo de valor sobre elas, convocámos este estudo como testemunho do valor turístico que as casas vernáculas podem assumir e que, acreditamos, pode ser ampliado e diversificado através da associação à literatura, aos textos literários nos quais estas casas são tema ou cenário.

Prosseguimos, então, centrando-nos nas possibilidades suscitadas pelo triângulo literatura - arquitetura - turismo na região algarvia.

1.3. Literatura - Arquitetura - Turismo e as Casas Algarvias

As representações textuais da casa que seleccionámos refletem peculiaridades que, quando analisadas, permitem conhecer a cultura na qual esta casa nasce e se constrói, pois tal como refere Eduardo Lourenço, a literatura é uma forma de interpretação de Portugal e os poetas são os arquitetos que constroem casas textuais nas quais habitam significados e se cristalizam traços particulares da cultura portuguesa (1992: 78-118). Por isso, é possível através da leitura e interpretação de textos, nos quais a casa é a protagonista, não só pensar a casa algarvia, mas também aprender sobre a cultura das gentes do sul do país, ao mesmo tempo que ajudamos a conservar e eternizar património, quer material (as casas), quer imaterial (os textos dos autores que escreveram sobre a casa algarvia).

Com efeito, as formas textuais que representam as tradicionais casas algarvias são uma das portas de acesso (para utilizarmos uma metáfora da esfera das casas) a este elemento arquitetónico, ou seja, o texto literário faz-se veículo para a leitura das casas, cujas características refletem nitidamente a cultura desta região do país, espelhando a sua posição geográfica, o seu clima, as suas características geomorfológicas, a história e o modo de vida da sua população, como, de resto, é característico da arquitetura vernácula, tal como referimos anteriormente.

De facto, a casa é bastante mais do que uma mera estrutura física (chão, telhado e paredes); a casa é um prolongamento da vida dos que nela vivem. As nossas memórias

ficam não apenas em nós, mas nas casas, por isso, «pertencemos muito mais às nossas casas do que elas nos pertencem» (Brandão, 2002: 32). Na realidade, entendemos que na arquitetura das tradicionais casas algarvias estão inscritas as memórias dos algarvios, pelo que estas casas constituem um património material que, ao ser ilustrado nas palavras dos poetas, e ao ser olhado através do filtro destas palavras, pode satisfazer a curiosidade dos que visitam esta região relativamente à identidade cultural do seu anfitrião. Juntar ao objeto a sua representação literária, dá-los a conhecer em conjunto, acrescenta valor a ambos, mas acrescenta sobretudo valor turístico a uma região cada vez mais empenhada em promover-se enquanto destino turístico diversificado e de qualidade.

Para que melhor possamos entender o objeto em causa e o seu valor enquanto repositório da memória (histórica, cultural) de um povo, centremo-nos então na noção de casa, ou seja, no que está implícito quando usamos esta palavra.

2. APONTAMENTOS BREVES SOBRE A TEORIA E SIMBOLOGIA DA CASA

É verdade que no mundo da investigação académica todas as afirmações podem (e devem ser) questionadas, mas é igualmente verdade que há factos que dificilmente podem ser contraditos. Um deles é o facto de, desde sempre, o ser humano ter procurado ter uma casa. Desde os primórdios da humanidade que os seres humanos constroem casas; abrigos que os protejam do frio, do calor, dos animais perigosos, dos outros seres humanos. Terá sido esta a primeira função da casa: oferecer proteção contra os elementos da natureza e contribuir para o bem-estar e segurança de quem nela vive. Deste modo, a casa é onde o indivíduo passa a existir, onde se protege para que seja possível realizar o que pretende. Tal como refere Gaston Bachelard ([1958] 1994: 6), a casa protege o sonhador, a casa promove os sonhos, os projetos. A casa é uma plataforma para planear e realizar o futuro.

Sendo que a proteção e a segurança são condições vitais para garantir a existência do ser humano, a casa rapidamente se torna uma extensão do arquétipo maternal e se aproxima do simbolismo do útero, aquele que é a primeira «casa», o primeiro abrigo do ser humano. Um símbolo é exatamente isso, é uma imagem que ganha valor simbólico por causa das emoções e sentimentos que evoca. Assim, a casa tem simbolicamente uma aura de proteção do ser humano e, por esse motivo, ganha estatuto de lar, de lugar de segurança e de intimidade, por excelência. É aqui que o ser humano se pode apartar do mundo exterior e das suas agressões. A casa é, pois, cofre e testemunha das vivências mais íntimas dos seus habitantes e das suas memórias mais marcantes.

Considerando que a casa é uma estrutura arquitetónica que ocupa uma posição elevada «na hierarquia dos pertences» (Bañon, 2004: 51), não é de estranhar a profusão de menções, de representações, e de leituras da casa, nas mais diversas disciplinas e manifestações artísticas: a casa como símbolo do estatuto dos que a constroem e nela vivem; a casa como símbolo do universo feminino; a casa como construção e parte da composição de uma paisagem; a casa como lar; como «muda testemunha da vida» (para recordarmos a imagem criada por Ruy Belo num poema sobre as casas ([1973] 2000)), testemunha que presencia o que há de mais íntimo e pessoal; a casa como repositório da memória coletiva; como refúgio; como espaço da intimidade, tal como refere Ruy Belo no mesmo poema citado acima, quando afirma que «só as casas explicam que exista/uma palavra como intimidade»; a casa como manifestação do ser interior; como aquilo do qual o nómada, voluntariamente, prescindir mas que, eventualmente, procura sempre e nunca

encontra, e a casa como aquele lugar ao qual desejamos regressar de cada vez que viajamos. Tendo em conta a amplitude do valor simbólico da casa, não é de estranhar a polissemia desta palavra. Uma palavra cuja etimologia recua ao latim, com o significado de habitação pobre, e cuja evolução resultou no nome que atualmente designa todos os tipos de habitações, independentemente da sua qualidade.⁶

Adotando a perspetiva de Bachelard ([1958] 1994: 4) sobre o elemento «casa», neste trabalho, focamo-nos na sua descrição (subjativa) mas também nas suas funções, como forma de nos centrarmos no potencial que as casas tradicionais algarvias têm como elementos arquitetónicos emblemáticos e como testemunhas da história de uma região cujas raízes culturais são ofuscadas pelo turismo de sol e mar.

A primeira função da casa é, como referimos, oferecer um espaço no qual o indivíduo possa habitar e estar em segurança (Bachelard, [1958] 1994: 4). Assim, neste artigo, usamos a palavra «casa» com o sentido de um espaço que é simultaneamente a fronteira da intimidade do sujeito que a habita, o lugar que se abre para o mundo ligando o indivíduo ao exterior e o lugar para dentro do qual o exterior «espreita» para melhor conhecer o indivíduo, tal como escreveu Ruy Belo: «As casas de fora olham-nos pelas janelas» ([1973] 2000). De facto, são estas aberturas nas fachadas das casas, canais de comunicação entre interior e exterior, que permitem ao habitante observar e conectar-se com o mundo, a partir da segurança da sua intimidade. Há, todavia que salientar que as janelas se abrem nos dois sentidos: de dentro para fora, mas também de fora para dentro, motivo pelo qual os textos que aqui analisamos são um olhar sobre o exterior da casa tradicional do Algarve, mas também um olhar para dentro desta e para as vidas daqueles que as habitam ou habitaram.

Creemos que é inquestionável o facto de o ser humano refletir o seu modo de estar no mundo nas casas que constrói e habita. As casas são palco das diversas expressões da vida do ser humano, desde a família, ao trabalho, ao amor, ao convívio e ao estatuto social. Consequentemente, a análise e interpretação deste elemento arquitetónico coloca-nos perante todas estas vertentes da memória coletiva, mas também da memória individual de cada um dos seus habitantes - memórias inscritas nas paredes, nos textos e nos homens que, quando devidamente preservadas e transmitidas, constituem seguramente uma atração turística única.

3. OS TEXTOS E AS CASAS

Os textos literários que apresentamos neste artigo (e recordamos que esta seleção não foi exaustiva, mas apenas ilustrativa) com base no critério de conterem representações textuais da tradicional casa algarvia, têm a capacidade de revelar a história, a cultura e o modo de vida do povo desta região.

A casa, pelo valor afetivo e dimensão protetora que tem, consegue inspirar as emoções, sentimentos e recordações mais positivos dos escritores que optámos por invocar neste trabalho. Isto é particularmente evidente nos retratos textuais das casas algarvias, que Teresa Rita Lopes consegue desenhar no poema «Casa Algarvia». Um poema curto, cujo

⁶ No latim, a palavra que expressava o atual significado de «casa», era a palavra «domus», da qual derivam outras como «doméstico» e «domínio».

título funciona como uma sinédoque das casas de toda a vida desta escritora, nomeadamente, as casas da sua infância: a casa da mãe, as casas dos avós. Aliás, todo o poema funciona como uma condensação dos mais frequentes, embora não exclusivos, elementos exteriores da casa tradicional, que tantas vezes serviram (e servem) de motivo principal em centenas de postais turísticos da região: a cal a cobrir as paredes da casa e a barra pintada de azul numa linha horizontal ao chão e rente a ele. No poema sobressai, ainda, o azul do mar que encontra eco na cor azul da barra da casa, cor que ganha mais intensidade com o reflexo do sol do Algarve pois, sem dúvida, tal como a «casa» de Teresa Rita Lopes (2009: 20), o Algarve é sol, é mar, é azul e é branco:

Casa Algarvia

a barrinha azul ao comprido da fachada

branca

é para rimar

com o debrum a mar

ao longo

do horizonte

Azul

rima

com Sul.

Ainda que assuma cambiantes diversas ao nível da estrutura e da cor, a tradicional casa algarvia é geralmente identificada como uma casa térrea, branca, com faixas azuis e uma chaminé ornamentada, como referimos previamente. Ou seja, são traços que facilmente remetem para uma ideia de sul luminoso e para a herança árabe da arquitetura algarvia. A estética de legado árabe é enaltecida em diversos poemas, como é o caso do poema «De bordo», de Cândido Guerreiro, no qual lemos que na costa algarvia «Flamejam cactus e erguem-se mirantes.../Com seus casais, alvíssimos turbantes» e que «o Algarve é todo um lindo minarete» e no poema «Aldeia branca» de Emiliano da Costa, quando o poeta destaca a ideia do Sul como um lugar luminoso, no qual predomina o branco, o azul claro do céu que envolve a casa, a paisagem e os homens, uma cor que se derrama até ao mar: «Potes de azul derramam-se na tela, / E o sol a rir-se, a rir, bate-lhe em cheio./ Que inundação! Por cima de quintais, / Sobre telhados, torres, parreiras,/ É o céu, é o céu azul de mais!» (1956: 16). Para além da cor azul, há nas aldeias algarvias a forte presença da cor branca da escaiola e da cal que forram as casas, e esse branco amplifica a intensidade da luz do sol. A luz e o calor são aqui unidades de composição da casa. Neste poema, a paisagem vista através da janela (tela) é uma paisagem do meio-dia, do azul do céu e do sol que sorri. O branco do gesso e da cal, (muito abundantes no Algarve), surge transformado em chapões de claridade que contrastam com o azul do céu e o deslavam.

A casa é território humano e, tal como refere Gaston Bachelard, deve ser observada e analisada a partir das funções que serve para cumprir as atividades quotidianas dos que nela habitam. Ou seja, a casa, a verdadeira casa, é construída em função das necessidades e atividades quotidianas dos seus habitantes (a agricultura, a pesca, a pastorícia) (Braga, Carvalho e Matos, 2005: 156). Uma adequação que podemos ver claramente nas referências de Raul Brandão às casas cubistas dos pescadores de Olhão, quando refere,

por exemplo, o mirante (de onde se observa o estado do mar e a entrada da barra) e a soteia ou açoteia. Esta última descrita como um «[...] sítio esplêndido para respirar, eira para a alfarroba e o figo, e quarto para dormir no Verão sob um pedaço de vela.» (1923: 161). Menciona-se, portanto, a interligação da casa com a vida dos que a habitam, realçando a função da soteia, uma espécie de terraço em cujo perímetro se constrói um muro, onde se secam os figos e as alfarrobas, e que é considerado o melhor local da casa para dormir nas noites quentes de verão. A soteia tinha, ainda, uma outra função menos legítima, quando servia de corredor de passagem, de casa em casa, para os contrabandistas que assim conseguiam chegar às diversas casas sem passar nunca nas ruas. De facto, para além da pesca, «o grande negócio de Olhão foi sempre o contrabando» (Brandão, 1923: 157-158) e exatamente por causa desta atividade «todas as casas tinham uma guardadeira ou falso entre duas paredes» (Brandão, 1923: 158).

De salientar, o facto de a presença da casa cubista de Olhão contariar a ideia generalizada de que existe apenas uma casa algarvia: a referida casa branca, com faixas azuis em torno das portas e janelas e nos rodapés, com platibanda, varanda/açoteia e chaminés rendilhadas. Com efeito, a realidade arquitetónica algarvia é diversa, em consequência das diferentes características geológicas/naturais e das várias atividades profissionais dos algarvios. Por esse motivo, podemos afirmar que não há uma casa algarvia, mas sim casas algarvias. Se a casa de Olhão é uma construção de cubos sobrepostos encimada por um mirante, esteticamente distante da casa de barras azuis e chaminés rendilhadas, a casa de S. Brás de Alportel, uma localidade rural, a poucos quilómetros de Faro, é descrita por Raul Brandão como sendo coberta «de junco ou de palma» (1923: 160) e ladeada por uma pequena horta (Brandão, 1923: 170), na qual as amendoeiras e as figueiras eram presença obrigatória. Mas a ruralidade algarvia está ainda mais patente no chamado «monte algarvio». Encontramos uma descrição deste tipo de habitação no conto *D. Joaquina Eustáquia Simões D'Aljezur*, de Manuel Teixeira Gomes:

A casa é um pequeno e pobre monte algarvio, com porta e janela, que foi pintado a cor-de-rosa e agora mostra por entre grandes côdeas de reboco já caído as talhadas da taipa, como um bolo que perdeu parte da sua capa de açúcar. Aproximo-me da entrada que tem a porta aberta: ninguém. Entro numa casa ladrilhada e miseravelmente mobilada com desmanteladas cadeiras e mesa de castanho. (Gomes, 1988: 29-30)

Constatamos, portanto, a presença de uma exceção à regra da casa branca - este monte é cor-de-rosa. Mais comuns são a construção em taipa, o ladrilho e, até mesmo, o facto de ser uma casa pobre, reflexo da pobreza da generalidade dos agricultores algarvios que, talvez por terem poucos pertences, ou talvez pela confiança nos vizinhos, normalmente deixavam a porta aberta enquanto trabalhavam no campo.

Ainda que de uma perspetiva distante da do homem do povo, da de um simples habitante destas casas, o escritor portimonense, que foi Presidente da República, oferece-nos outras descrições que permitem visualizar este tipo de casa tanto a partir do exterior como do interior. Assim, no conto *Uma Cena Grega*, Manuel Teixeira Gomes escolhe como cenário de um encontro amoroso, uma casa inacabada:

[...] uma casa (ou monte, como no Algarve chamam às habitações do campo) de taipa sem reboco, pequena, quadrada, de telha vã, com o interior ainda por dividir [...]. Com uns capachos de empreita se lhe armaram as divisões indispensáveis; o chão, ladrilhado,

alcatifou-se de cobertas de trapos, tão vistosas e baratas, que ao tempo ainda o Alentejo exportava; e o mobiliário de vime e tábuas completou o arranjo, leve e frágil, do interior dessa casa, que tinha toda a aparência de não resistir a um bom pé-de-vento. (Gomes, 1984: 143-144)

Retomando a questão da adequação da casa à vida e à atividade dos que nela habitam e, centrando-nos ainda na casa de campo, vejamos o poema de Teresa Rita Lopes, intitulado «Nora algarvia» (2009: 23). Neste poema, os elementos centrais são a nora e o tanque, infraestruturas adjacentes (e indispensáveis) à casa que têm como função a recolha e o armazenamento da água que é usada para regar a horta e lavar a loiça e a roupa, sendo que o tanque é também um espaço de diversão para as crianças que nele se banham. Num outro poema, com o título de «Saudades e sons», também da autoria de Teresa Rita Lopes, descreve-se a nora e os «seus alcatruzes de ferro e de lata/movidos pelo esforço da mula atrelada ao engenho» (2009: 69). Este texto oferece um retrato, não só da casa, mas das memórias dos que nela viveram, sendo que Teresa Rita Lopes descreve expressivamente os sons que a sua memória agrega àquela casa, por forma a descrever uma casa com vida, a casa na qual o seu avô vivia e trabalhava. Trata-se do poema como repositório das memórias do trabalho da terra, uma atividade que dependia das estruturas envolventes da casa rural algarvia: a nora, o alcatruz, a levada, o cano, o tanque e, até mesmo, a rodilha que se remove do tanque mais pequeno para libertar a água em direção às hortas. As hortas, ou o «lindo hortejo!», como lhe chama o poeta algarvio Emiliano da Costa, no poema «Aldeias II» (1931: 62), é, sem dúvida, uma marca física associado às casas do sul do país. Estes pedaços de terra cultivados desempenham um importante papel na subsistência alimentar quotidiana dos algarvios, quer em contexto rural quer em contexto urbano (ver Rodrigues, 2010: 113).

Para além da prática da agricultura de subsistência, é também comum nestas mesmas casas que parte do quintal ou, mesmo, da varanda seja aproveitada para a criação de coelhos ou galinhas, como refere Teresa Rita Lopes, a propósito da sua casa de Faro, no poema «A minha primeira cidade natal» (2009: 35-37). Diz a poetisa que na sua infância, «A minha varanda era o meu refúgio:/ aí me treinava para equilibrista ou bailarina/com um fundo/ de galinhas cacarejantes no seu galinheiro suspenso». Num outro poema, simplesmente batizado de «Galinhas na varanda» (2009: 47), lemos «Minha Mãe gostava de galinhas/ Eram os únicos animais/ da nossa casa de Faro/ Moravam por cima de nós/ na varanda [...] Minha Mãe alimentava-as generosamente com comida/ e festas/ e tratava-lhes a gosma quando alguma morrinha/ as dizimava em série/ e até lhes pegava ao colo para gozarem/ a paisagem de varandas em volta e os cerros ao longe [...] Quem sabe/ se lhe estava a pedir antecipadamente perdão pelo que acabaria/ por lhe acontecer:/ ser sacrificada em cabidela no altar da mesa/ familiar».

Tal como em «Saudades e sons», o texto de Teresa Rita Lopes que apresentámos anteriormente, no poema «Coisas de Tavira», de Yvette Centeno (reproduzido em Torgal e Ferreira, 2005: 370), a menção aos traços arquitetónicos do elemento casa ocupa uma posição de segundo plano no retrato textual que é desenhado da casa, e o que ganha destaque é a memória dos que lá viveram (os avós), e a memória dos tempos vividos nessas casas. É também tal como no poema de Teresa Rita Lopes, a descrição revela uma casa que foi construída em função das atividades dos que a habitam, nomeadamente, quando se recordam as soteias onde se secavam (e secam ainda hoje) as amêndoas e figos. Um espaço essencial para preparar dois dos produtos regionais que eram importantíssimas fontes de rendimento para as famílias algarvias, mas também um lugar

onde as crianças gostavam de brincar já que aí tinham a oportunidade comer, mesmo que às escondidas, esses figos e amêndoas.

Um poema de Emiliano da Costa, «À luz do dia», assinala outros dois outros traços típicos da arquitetura algarvia (bem visíveis nas casas das cidades de Faro, Tavira, Lagos e Portimão): o telhado de tesoura e a porta de reixa: «A minha casa / Tinha telhados de tesoura/ Como tantos e tantos/ Que vão pela cidade fora / Tinha flores melindres no quintal, / Uma porta de reixa numa banda,/ Na outra uma varanda/ Que dava para a baía-mar [...]» (In *As saudades do silêncio* (1947) reproduzido em Almeida, 1982: 62). Para além dos telhados, também as telhas de Santa Catarina, um produto exclusivamente algarvio, ganham destaque na poesia. Nomeadamente no poema «Telhas feitas à mão» (2009:73), de Teresa Rita Lopes, com o qual o leitor pode aprender que essas telhas são produzidas manualmente «por um homem que moldou o barro na sua coxa nua». Com versos como este reforçamos a imagem da casa como um prolongamento do ser humano, na medida em que se trata de um objeto arquitetónico literalmente contruído à sua medida, tal como acontece com as telhas que são moldadas sobre o corpo do homem que as fabrica. Em suma, a casa é uma produção do Homem e, pela segurança que proporciona, permite-lhe simultaneamente viver a casa como o lugar das suas intensas, porque privadas, memórias e experiências.

Se promovermos a divulgação destes textos literários no contexto das atividades turísticas oferecidas na região do Algarve, estaremos não só a estimular a associação interdisciplinar de dois dos mais ricos patrimónios da cultura portuguesa - a literatura e a arquitetura -, mas também a divulgar esse mesmo património, a contribuir para a sua preservação (nomeadamente a do património arquitetónico), a oferecer alternativas ao turismo de sol e praia, a estimular deslocações de turistas às localidades mais interiores do Algarve e, em última instância, a promover mais emprego e mais riqueza nessas áreas que não gozam de tanta afluência como as localidades mais próximas da linha do mar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal como referiu Juliana Menezes (2003) a propósito da construção do Quarteirão Jorge Amado, em Ilhéus (Brasil), as iniciativas que associam o património literário de uma região com a atividade turística têm não só o potencial de desenvolver novos produtos turísticos, de atrair mais turistas, mas também de contribuir para a sustentabilidade da região, na medida em que se procuram «alternativas capazes de contribuir para o desenvolvimento sustentável em geral, visando promover o bem estar da comunidade e garantindo a preservação e valorização de sua identidade cultural.» (Menezes, 2003). Neste prisma, a recolha de património literário no qual se cristalizam retratos das casas tradicionais algarvias pode ser um meio de valorização da cultura local e simultaneamente um modo de enriquecer a experiência turística. Para além do mais, considerando que a arquitetura tradicional algarvia é partilhada entre o litoral e o interior, este tipo de proposta promove, também, a tão necessária deslocação de turistas para as povoações interiores, menos visitadas, menos desenvolvidas economicamente e, por isso, com tendência para a desertificação.

Em suma, acreditamos que no Algarve, a identificação das casas tradicionais (a caiada de branco, com barrinhas azuis em torno das janelas, da porta e rodapés, com platibanda e chaminés ornamentadas, a casa cubista de Olhão, as casas com telhados de tesoura de Faro, Lagos e Tavira, o monte algarvio/casa rural com as respetivas infraestruturas de apoio) que aqui trouxemos a partir das representações literárias que delas foram feitas por autores tão distintos como Teresa Rita Lopes, Raul Brandão, Manuel Teixeira Gomes, Cândido Guerreiro, Yvette Centeno e Emiliano da Costa, pode ser um exemplo de desenvolvimento e promoção de novos produtos turísticos que, para além dos evidentes benefícios económicos, contribuem igualmente para a conservação de um património arquitetónico singular e para a preservação da identidade cultural dos algarvios. Acreditamos, também, que seria turisticamente viável (e culturalmente sustentável), criar, nas localidades mais interiores do Algarve, um «parque das casas tradicionais algarvias». Um espaço no qual os visitantes (internacionais e nacionais) pudessem conhecer em pormenor os traços peculiares das casas tradicionais desta região do país, visto que, atualmente, muitas destas casas estão descaracterizadas ou em péssimas condições físicas. Para além do mais, e na sequência da linha de pensamento que desenvolvemos ao longo deste trabalho, este parque traria, ainda, mais desenvolvimento e emprego para as localidades interiores do Algarve.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, T.S. (1982). *O Algarve na Poesia*. Faro: Universidade do Algarve.
- Antunes, C. (2014, junho 23). Portugal na internet é igual a turismo. *Jornal Expresso* [online]. Consultado a 12.02.2015, em <http://expresso.sapo.pt/portugal-na-internet-e-igual-a-turismo=f877278#ixzz3Uwf6O0Zk>.
- Bachelard, G. ([1958] 1994). *The Poetics of Space*. Tradução de Maria Jolas. Boston: Beacon Press.
- Bañon, J.J.P.(2004). *O Pensamento Arquitectónico na Obra de José Saramago*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Belo, R.(2000). *Todos os Poemas*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Braga, C, Carvalho, D.J. e Matos, J.R. (2005). Entrevista ao arquitecto João Santa Rita. *Textos e Pretextos: As Casas*, 6, 156-165.
- Brandão, L.L. (2002). *A Casa Subjetiva: Matérias, Afetos e Espaços Domésticos*. São Paulo: Perspectiva.
- Brandão, R. (1988) [1923]. *Os Pescadores* (2.^a edição) Lisboa: Ulisseia.
- Costa, E. da (1931). *Phlogistos: Sonetos*. s.l.: SCA.
- Costa, E. da (1956). *Poesias Escolhidas*. Tavira: Tipografia o Algarve.
- Gomes, M.T. (1984). Uma Cena Grega. *Agosto Azul* (4.^a edição, pp.141-160) Venda Nova: Bertrand Editora.

- Gomes, M.T. (1988). Dona Joaquina Eustáquia Simões D'Aljezur: Historieta Quase Romântica. *Gente Singular* (4.^a edição, pp.13-31). Venda Nova: Bertrand Editora.
- Hendrix, H. (2014). Literature and tourism: Explorations, reflections, and challenges. In S. Quinteiro e R. Baleiro (orgs.). *Lit & Tour: Ensaaios sobre Literatura e Turismo*, (pp.19-30). Vila Nova de Famalicão: Húmus.
- INE (Instituto Nacional de Estatística). Taxa de desemprego estimada em 14.1%: Estimativas mensais de emprego e de desemprego. Consultado a 10.03.2015 em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=223546899&DESTAQUESmodo=2.
- Lopes, T.R. (2009). *O Sul dos Meus Sonhos*. Olhão: Gente Singular.
- Lourenço, E. (1992). *O Labirinto da Saudade*. Lisboa: Dom Quixote.
- Menezes, J. S. (2003). Quarteirão Jorge Amado. Um potencial local para o turismo cultural na Cidade de Ilhéus. *Ciudad Arqueologica* [on-line]. Consultado a 24.01.2007, em http://www.naya.org.ar/turismo/congreso2003/ponencias/Juliana_Menezes.htm.
- Quinteiro, S. e Baleiro, R. (Orgs.). *Lit & Tour: Ensaaios sobre Literatura e Turismo*. Vila Nova de Famalicão: Húmus.
- Reis, C. e Lopes, A.C.M. (1987). Espaço. *Dicionário de Narratologia* (pp.129-134). Coimbra: Livraria Almedina.
- Rodrigues, T.A.C.(2010). *Faro na Época Moderna: do Urbanismo à Arquitectura*. Dissertação de mestrado em História da Arte. Faro: Universidade do Algarve.
- Rojek, C. (1997). Indexing, dragging and the social construction of tourist sights. In C. Rojek e J. Urry (eds.). *Touring Cultures: Transformations of Travel and Theory* (pp.52-74). London & New York: Routledge.
- Silva, A.R. e Villalobos, L. (2015, fevereiro 23). Turismo salva balança comercial do défice. *Jornal Público* [on line]. Consultado a 12.02.2015, em <http://www.publico.pt/economia/noticia/turismo-salva-balanca-comercial-do-defice-1687081>.
- Torgal, A. P. e Ferreira, M.T. (Orgs.) (2005). *Algarve Todo o Mar*. Lisboa: Dom Quixote.
- Wang, N. (1997). Vernacular house as an attraction: illustration from hutong tourism in Beijing, *Tourism Management*, 18, 573-580.